

Masochismo estético nos sujeitos

a vergonha inconsciente

Felipe Lessa da Fonseca

Resumo O artigo reflete sobre a vergonha e a culpa em relação aos ideais éticos e estéticos que condicionam o masochismo na estrutura das fantasias. O sentimento inconsciente de vergonha, análogo à culpa, engendra o gozo estético que na relação sujeito-objeto ordena-se conforme as funções do bem e do belo. O fragmento de um caso clínico ilustra o papel da vergonha na relação do sujeito com os outros.

Palavras-chave masochismo; vergonha; estética; gozo; fantasia.

Felipe Lessa da Fonseca é psicanalista, doutor em Psicologia Clínica pela PUCSP, líder de Grupo de Pesquisa no Laboratório de Saúde Mental Coletiva (LASAMEC) da Faculdade de Saúde Pública da Universidade de São Paulo.

Não é o simples fato de refletir sobre a própria aparência que provoca o rubor, mas sim pensar sobre o que os outros pensam de nós. [...] Não é a sensação de culpa que cora o rosto, mas sim a ideia de que outros pensam ou sabem que somos culpados.

[C. Darwin, *A expressão das emoções nos homens e nos animais*]

O masochismo estético

Falar de um masochismo estético é mais que um exercício de apresentação da estética do masochismo. Não basta fazermos uma descrição estética ou fenomenológica da experiência do masochista moral para compreendermos o que acontece ao ser humano que, podendo sempre ser um sujeito ético e estético, muitas vezes coloca-se contra si. De um ponto de vista psicanalítico, o sujeito está irremediavelmente ligado aos outros, aos objetos, às faltas e às angústias, à fantasia, ao gozo e à indestrutibilidade de sua pulsão, que são todos elementos relativos ao problema ético-estético do masochismo na constituição do sujeito¹. Assim, buscaremos mostrar que falar de um *masochismo estético* é falar de aspectos do processo pelo qual, através fantasia, a culpa e a *vergonha* articulam respectivamente os dispositivos morais e estéticos de formação do *estilo de ser do sujeito*².

A repetição de determinadas formas de prazer e de gozo denota certa disposição masochista que, como observou Birman³,

1 Este problema foi objeto de minha tese de doutorado, intitulada *Reflexões ético-estéticas do masochismo: os estilos no gozo e a vergonha inconsciente*.

2 J. Birman, *Estilo e modernidade em psicanálise*, p. 159.

3 J. Birman, *Mal-estar na atualidade*, p. 47.



o que nos interessa observar aqui é que a complexidade da experiência edípica tem na culpa e na vergonha os argumentos que dão sentido ao problema ético-moral e estético do masoquismo nos sujeitos

88

PERCURSO 43 : dezembro de 2009

acompanha a maior parte das estruturas psicopatológicas. Durante a análise, o espectro das fantasias do paciente pode revelar a repetitividade de algumas de suas *formas particulares de gozo*, repetitividade que marca fortemente o estilo de ser do sujeito. Quando um sujeito envolve-se novamente com pessoas que o destratam, quando repete uma escolha conhecida e desagradável, ou simplesmente quando a pulsão reincide nos objetos que já lhe causaram mal-estar – mas cuja percepção formal ou o ritmo dos acontecimentos o seduzem – temos uma *cilada ético-estética* do tipo masoquista que parece fazer parte do desenho de muitas das fantasias humanas.

Freud (1924)⁴ observou que o reinvestimento nos objetos parentais proibidos *ressexualiza a moral*, reativando sentimentos inconscientes de culpa como necessidade de castigo e, portanto, esse reinvestimento está no centro do problema ético e moral do masoquismo. Considerando que os primeiros objetos de desejo do sujeito são as figuras parentais, o estilo de suas relações de alteridade vê-se marcado desde cedo por seus sentimentos edípicos. Estes podem inspirar os ideais e as ambições do sujeito, levando-o a realizações socialmente interessantes, ou podem, também, prendê-lo a um circuito de fantasias mais ou menos dolorosas, mais ou menos autodestrutivas.

De acordo com Freud, ao re-erotizar relações parentais, à moda de experiências que já foram conflituosas na primeira infância, o sujeito reinveste em seus ideais (morais e formais) e goza ao reativar sentimentos penosos de castigo e culpa que permanecem inconscientes, mas que, quando adulto, levam-no a repetir-se em discretas formas de sujeição masoquista em relação aos outros.

No drama concreto de suas relações objetivas, a aceitação dessa forma de viver, na qual as possibilidades do gozo são ditadas pelas repetições em relação aos outros, convulsiona a articulação das preferências estéticas às inclinações éticas do sujeito, o que acontece de modo mais significativo em suas vidas familiares. A história e a dinâmica de uma família determinam o lugar do doente, do bode expiatório e do masoquista, conforme as posições de cada um, sobretudo, tendo em vista a força dos mais velhos, em particular, da mãe e do pai na trama emocional do sujeito⁵. Nesse sentido, a figura do Édipo representa o conflito e a pluralidade dos paradigmas ético-estéticos mais familiares, ou mais estranhos, de que o sujeito dispõe para lidar com seu sofrimento e para gozar na vida e na cultura.

O que nos interessa observar aqui é que a complexidade da experiência edípica tem na culpa e na vergonha os argumentos que dão sentido ao problema ético-moral e estético do masoquismo nos sujeitos. São os laços e os nós familiares que no centro da trama de fantasias costuram as diferentes formas e estilos de ser. As culpas relacionadas aos imperativos éticos e as vergonhas derivadas dos imperativos estéticos oferecem os argumentos para a novela, a tragédia, o horror, a sátira ou a comédia possíveis frente às emoções da história de cada um, mesmo que estas lhe pareçam banais, sem graça ou uma ladainha.

O gozo estético masoquista

O gozo estético aqui não se restringe ao prazer da fruição artística, mas faz parte de toda relação sujeito/objeto e pode ser estudado junto a

uma importante, embora triste, faceta constitutiva do ser humano que reverte o mal e o horror contra si. O interesse clínico nos faz voltar a atenção para essa característica *autodestrutiva* da experiência estética, e ética, da autocensura, da autocastração, da violência sutil contra si, do prazer nas tensões corporais e sociais, e do gozo na carência. A insistência da pulsão de morte é o motor dessa tendência masoquista, que não permite à razão decidir sobre o valor de seu prazer, não podendo fazê-lo independentemente da consciência do direito dos outros que ela conhece. Por isso, o sujeito pode gozar inconscientemente ao identificar-se com o agredido e, angustiado, sonhar com o agressor, ou ao contrário. É no afã de sua fantasia e no circuito do desejo que o paciente submete-se ao desejo do outro, cedendo, ou não, ao imperativo da entrega submissa ao direito de gozo do outro que, como diz Lacan, declara: “exercerei esse direito sem que nenhum limite me detenha no capricho das extorsões que me dê gosto de nele saciar”⁶.

Oferecendo toda liberdade ao outro, como se esse direito de gozo tivesse validade universal, o sujeito entrega-se à vulnerabilidade e à própria fragilidade, colocando-se em posição de fruir do gozo masoquista. O sujeito idealiza a obediência pura na qual espera encontrar o complemento sádico de suas fantasias em alguém que lhe ordene, inclusive sobre o que fazer de seu corpo. O prazer narcísico frente aos outros, aos objetos e ao mundo é atravessado pelas formas reflexivas da autoagressividade, da autodepreciação e da baixa autoestima, o que em todos os casos está sempre determinado pelas exigências da castração, da falta e da falha. Para trabalhar esse prazer herdeiro de um romantismo nostálgico, para deslindarmos o sujeito da estética melancólica da perda, da ruminação culposa ou da autoimagem comiserada

4 S. Freud, *El problema económico del masoquismo*.

5 A. Eiger, *O parentesco fantasmático*, p. 71. Com respeito à inscrição masoquista do sujeito que adoece na família.

6 J. Lacan, “Kant com Sade”, p. 780.

7 B. Rosenberg, *Masochisme mortifère et masochisme gardien de la vie*, p. 138.

»
o masoquismo estético não é um ideal, pois não é algo interessante em si, ele é um fato da vida humana, fato que se apresenta de diversas formas e que exerce uma atração mórbida sobre as pessoas

é necessária a análise do modo como as principais fantasias sustentam o gozo estético do paciente. Analisando os sutis constrangimentos na transferência, podem-se reconhecer discretos prazeres inconscientes capazes de ferir a vaidade e a integridade do paciente que sustenta seu estilo de ser diante do analista. Desvencilhar-se dos impasses gerados pelo masoquismo estético, e ético, aponta para uma direção no tratamento, aponta para os desembaraços imaginários e para elaboração simbólica de estilo de ser do sujeito.

Falar de aspectos primários do masoquismo estético pode facilmente tornar-se incômodo, quando não perigoso. Deve-se evitar mal-entendidos. O masoquismo estético *não* é um ideal, pois não é algo interessante em si, ele é um fato da vida humana, fato que se apresenta de diversas formas e que exerce uma atração mórbida sobre as pessoas. Mesmo o masoquismo guardião da vida, de que fala Benno Rosenberg, como “uma dimensão masoquista da existência humana”⁷, sabemos, é uma estratégia defensiva e fundamental para sobrevivência psíquica, mas que se pode tornar mortífera, por exemplo, ao impedir a conclusão do luto e alimentar a melancolia, ou ao levar o sujeito à repetição sintomática de preferências desagradáveis e prejudiciais sobre as quais às vezes exclama: “eu sou assim,



segundo Sartre, ao fundar sua subjetividade na subjetividade do outro, o masoquista nega sua liberdade e recusa-se “a ser mais do que objeto”, fazendo-se “objeto de desejo na vergonha”

90

PERCURSO 43 : dezembro de 2009

sempre fui, o que vou fazer!?” O masoquismo e o masoquismo estético são uma condição do humano, uma contingência da sua *forma de sofrer*, uma condição bem reconhecida pela psicanálise, e que já conta com algumas boas observações no campo filosófico.

No masoquismo, a crença de que a angústia poderia dissipar-se nos outros leva o sujeito a submeter sua subjetividade à subjetividade de um outro e, nesse encontro, o ridículo de tornar-se apenas objeto do desejo do outro tem lugar na experiência de vergonha que acontece nos jogos de olhar. A “vergonha pura”, segundo Sartre, é o sentimento “de ser *um* objeto, ou seja, de reconhecer-me neste ser degradado, dependente e determinado que sou para o outro”. Ao fundar sua subjetividade na subjetividade do outro, o masoquista nega sua liberdade e recusa-se “a ser mais do que objeto”, fazendo-se “objeto de desejo na vergonha”. Isso pode ser notado no discurso de muitos pacientes que, siderados por seus próprios destinos, revelam as humilhações muitas vezes patéticas pelas quais desejam o olhar amoroso dos outros. Ao ser-objeto, sendo-o aos *olhos* do outro, faço-me um objeto ridículo, um objeto obsceno, mas antes de buscar fascinar o outro, nas palavras de Sartre, “o masoquismo é uma tentativa [...] de fazer com que eu mesmo

me fascine por minha objetividade-Para-outro, ou seja, fazer com que eu me constitua em objeto pelo outro”, fazendo com que minha subjetividade apresente-se como um nada para a vertigem dos olhares⁸.

A esta tentativa de fascinar-se por seu eu-objeto sucumbido se junta o sadismo-voyeurista que se volta contra o sujeito, incrementando seu gozo graças ao olhar que ele imagina pairar sobre si ao fazer-se objeto do desejo do outro. O gozo ético-estético dos sujeitos, portanto, articula-se nessa conjunção sujeito/objeto, onde o sujeito subverte-se e goza ao apresentar-se como objeto para si e para o outro, mesmo quando esse outro é apenas um sujeito imaginário ou simbólico. A vaidade, o orgulho e a honra narcísica facilmente deslocam-se para seus contrários. Basta o sujeito supor o olhar do outro como representante do desdém, do desgosto ou de algum tipo reprovação, para que possa fruir a vergonha como um castigo estético masoquista. Em termos mais freudianos, a severidade sádica e a vigilância voyeurista do Supereu, ao *tratar* o Eu *masoquista e exibicionista como objeto*, opera em função de ideais éticos e estéticos que, ao balizarem a produção da consciência moral e do senso estético, exigem que a culpa, o desprezo e a vergonha povoem as fantasias e as formas de o sujeito representar-se frente aos outros, ao mundo e à vida.

As formas do masoquismo

O problema psicanalítico do masoquismo, como indicou Freud, é um problema de economia libidinal que leva à questão sobre como é possível o prazer na tensão, a qual pode desdobrar-se em perguntas sobre como é possível a realização de desejos nos pesadelos, ou ainda, como é possível o investimento nos sintomas? Junto ao problema econômico, questões sobre a dinâmica do masoquismo implicam também o problema da classificação das formas possíveis do fenômeno masoquista. Freud distinguiu claramente três

formas de masoquismo, que chamou de masoquismo feminino, masoquismo moral e masoquismo erógeno.

O masoquismo feminino caracteriza-se pelas *fantasias de castração* mais próximas à histeria, enfatizando a dimensão fantasmática e imaginária de ser-castrado – o que determina a posição feminina na cena edípica. O masoquismo moral caracteriza-se pela repetição culpada e compulsiva mais comum nos obsessivos, onde operam a culpa e a *necessidade inconsciente de castigo* – o que nos faria pensar na posição masculina, na dinâmica do menino que deseja sua mãe. E o masoquismo erógeno caracteriza-se pelo prazer que surge ligado à capacidade de *erogeneidade* dos tecidos e ao prazer na dor corporal – o qual se torna mais imperativo e intenso nas perversões.

O caráter primário do *masoquismo erógeno* nos serve para pensar fenômenos simples como as cócegas, as coceiras e os arrepios, e também ajuda a entender as tensões das preliminares sexuais que operam nos limites do princípio de prazer. Ajudam também a esclarecer como as práticas sexuais do tipo sadomasoquista que, na otimização do prazer na *dor física*, quase escapam à economia libidinal e terminam por sofisticar-se secundariamente em jogos de humilhação e dominação como formas de controle gozoso dos outros. Porém, o prazer na humilhação e na vergonha, na submissão, no fracasso ou na castração existe também tanto no masoquismo moral quanto no masoquismo feminino. A semelhança da experiência subjetiva entre as fantasias de castração e as necessidades inconscientes de castigo sugere que, nos dois casos, o gozo masoquista do sujeito esteja estreitamente vinculado à *fantasia* que organiza o estilo de ser dos sujeitos⁸. A culpa, a vergonha, a inveja, o medo, a fraude e o ridículo, sempre em relação

8 J.-P. Sartre, *o ser e o nada, ensaio de ontologia fenomenológica*, p. 369, 470 e 471.

9 T. Reik, *El masoquismo en el hombre moderno*, p. 43 e 206. Sobre a importância central das fantasias nas disposições masoquistas humanas.

»
*a insistência do cabeça dura,
a perseverança cega, a repetitividade
de gestos inúteis e de escolhas
sabidamente piores, as teimosias,
as cismas e implicâncias desgastantes,
tudo isso parece dizer respeito a um
embrutecimento do desejo*

a alguém, recheiam os sonhos e as fantasias dos sujeitos que buscam controlar o gozo e a angústia, levando homens e mulheres às compulsões agourentas, aos castigos perversos e às castrações nas fantasias.

Hoje estamos facilmente dispostos a reconhecer aspectos masoquistas da compulsividade obsessiva masculina. A insistência do *cabeça dura*, a perseverança cega, a repetitividade de gestos inúteis e de escolhas sabidamente piores, as teimosias, as cismas e implicâncias desgastantes, tudo isso parece dizer respeito a um embrutecimento do desejo, tantas vezes assim figurado entre os homens, que se repete na mesma forma de gozar. O sadismo masculino parece sofrer um efeito ricochete. As fantasias infantis sobre a perfeição e onipotência paterna ecoam entre os sentimentos ligados à masculinidade, contudo, hoje em dia, visto o destaque profissional e financeiro das mulheres, convivemos mais comumente com a troca de posições.

Seja como for, para homens e mulheres, o ressentimento da impotência e a desonra da imperfeição prestam-se para sustentar exigências inconscientes que os penitenciam na vergonha culposa de suas insuficiências. A ficção fálica da onipotência amarra compulsivamente os sujeitos às suas fantasias e aos seus sintomas. Teme-



o masoquismo moral (que tem um sentido ético) foi assim designado por Freud, pois engendra para o sujeito o problema ético da censura moral, e com ele o da culpa como necessidade inconsciente do castigo em relação aos outros e à cultura

92

PERCURSO 43 : dezembro de 2009

rário quanto ao sentido do gozo que vive consigo e com o outro, o sujeito vê-se levado a repetir pensamentos, rituais e cenas (de expiação e alívio), perdendo-se em suas preferências e pretensões, sempre inspiradas no valor simbólico da castração. Por essa razão, ainda que pudéssemos falar de um *masoquismo masculino* (ligado à insistência ou à repetição do pior), acreditamos que a polêmica noção freudiana do masoquismo feminino possa ser mais bem esclarecida se falarmos de um de *masoquismo estético*.

Ao tomar-se por objeto de fascínio e de uso do outro, o sujeito simultaneamente submete-se ao olhar e ao discurso que veiculam os sentidos da castração e da interdição do gozo. Uma vez que o sentimento de submissão permanece inconsciente na maior parte do tempo, a vergonha e a culpa engendradas pelo olhar e a fala do outro só podem ser claramente reconhecidas quando analisamos a *fantasia de castração* em sua competência sádica e imaginária, e, portanto, na constituição do *masoquismo feminino*. Ao nos aproximarmos dessas fantasias vemos como *as humilhações e as vergonhas* a que o sujeito se submete inconscientemente, particularmente como *formas da fantasia* de castração (o horror e o vexame da castração) apontam para sentimentos que poderíamos chamar de *estéticos*, e simul-

taneamente apontam para elementos ligados ao feminino. Aqui poderíamos explorar mais as sintonias entre os lugares da mulher, da vergonha e da estética, porém, para não identificarmos o masoquismo estético ao masoquismo feminino, apenas lembramos que também nos homens a experiência estética da vergonha, da vaidade e do desgosto acontece inconscientemente, articulando formas de castigo e castração.

A falta do ser-castrado alude à feminilidade, mas não se furta à virulência da interdição estética que gera fantasias, assim como a intensificação da condenação moral também gera fantasias e, entre ambiguidades e ambivalências, reencontramos em ambas o pudor e a culpabilidade. As muitas figurações simbólicas e imaginárias da castração e da falta, mesmo em suas versões mais sofisticadas do ponto de vista plástico, nos sonhos e nos devaneios, produzem a angústia e o mal-estar como formas de repreensões e castigos. Assim, uma vez que as estratégias do masoquismo dependem da representabilidade das fantasias, toda ficção envolvida na elaboração da angústia da castração e da falta implica a severidade da autocensura na modulação do masoquismo, fazendo dos estilos no gozo *da vergonha* a contraface estética da culpa no masoquismo moral.

O fantasma da castração encontra representabilidade nos sonhos e no interstício de muitos pensamentos que o sujeito estabelece sobre si e sobre sua própria vida. O masoquismo moral (que tem um sentido ético) foi assim designado por Freud, pois engendra para o sujeito o problema ético da *censura moral*, e com ele o da *culpa* como necessidade inconsciente do castigo em relação aos outros e à cultura. O masoquismo estético não é muito diferente, pois engendra mais de perto o problema da *censura estética*, a qual implica a *vergonha* como necessidade inconsciente de castigo em relação aos outros e à cultura. Em outro artigo, apontei para a ideia de que a censura estética articula as condições de representabilidade nos pesadelos, insistindo no caráter crítico e punitivo dos ideais como interdições estéticas¹⁰.

No que diz respeito à vaidade e ao orgulho, parafraseando Freud em *Introdução ao narcisismo*, o narcisismo da criança pequena, do artista famoso e da mulher bonita são o modelo da onipotência que disfarça o pejo e a vergonha da dependência e da sujeição ao desejo do outro. Para o Eu, flagrar-se no engano sobre a admiração do outro pode ser uma experiência na qual o sujeito sintá-se ridículo e vulnerável, pois os ideais do Eu que instantes antes alimentavam suas vaidades, de súbito, o condenam no flagrante do desprezo do Outro, na vergonhosa condição de objeto risível, feio ou grotesco. No narcisismo, os imperativos estéticos da subjetividade mobilizam consciente e inconscientemente as pulsões do sujeito, ordenando seus sonhos, suas fantasias, seus planos e suas práticas. Muitos chegam a gastar dias inteiros em ginásticas localizadas, clínicas de estética, cabeleireiros, sapatos apertados e tantos outros *sacrifícios estéticos* que, para além da saúde, visam ao olhar dos outros. Uma história do sofrimento estético poderia ser feita, talvez principalmente em relação à mulher, mas certamente tal história revelaria importantes elementos éticos do masoquismo nas fantasias humanas em geral.

O perfil ético-estético da fantasia

Nas mulheres e nos homens, o espectro de fantasias que envolvem a *vergonha*, a culpa, a inveja e o medo frente ao desejo e ao *olhar* do outro determina as possibilidades de cada um constituir seu estilo de ser, representar a si, a sua vida e ao mundo. Nas “conjunturas do ser entre dois, o despudor de um constitui por si só a violação do pudor do outro”¹¹, diz Lacan. As fantasias de castração, os sentimentos de impotência narcísica, a necessidade de castigo ou os *sentimentos inconscientes de vergonha* e de culpa são ficções emocionais e autocríticas que participam da estrutura dos sujeitos, em relação à perda,

10 F. Lessa da Fonseca, “A censura estética no sonho de Maria”, p. 59-67.

11 J. Lacan, *op. cit.*, p. 783.

»
*nas mulheres e nos homens,
o espectro de fantasias que envolvem
a vergonha, a culpa, a inveja e o
medo frente ao desejo e ao olhar do
outro determina as possibilidades de
cada um constituir seu estilo de ser,
representar a si, a sua vida e ao mundo*

à falta e à angústia de um modo geral. A tolerância ao desamparo e ao desgosto oscila frente ao outro; em certo momento, tudo pode parecer feio e ruim, e em outro momento os mesmos objetos são considerados bons e belos. O imaginário narcísico em torno dos polos mulher/homem, castrado/não castrado, passivo/ativo, masoquista/sádico também oscila conforme a presunção mais ou menos desavergonhada dos outros dispare as produções inconscientes do próprio sujeito; em todo caso, o que é real nas muitas dualidades em jogo só pode ser tratado em seus registros estéticos e éticos. Desse modo, se o despudor de um viola o pudor do outro, a delicadeza ético-estética do trabalho de análise pede especial cuidado quando tratamos as vergonhas (e as culpas), as percepções e as fantasias que interagem no encontro de dois, como condição básica para fomentar as possibilidades de elaboração e simbolização da experiência subjetiva e do sofrimento dos pacientes.

O belo e o bem já foram desidealizados pela psicanálise. Não existem ideais unívocos de beleza ou de bondade que orientem a cura no trabalho psicanalítico. Ainda bem, pois, se não pudéssemos saber o quanto há de imaginário em nossas éticas e em nossas estéticas, correríamos o risco de, arrogantes e embrutecidos,



esse circuito pulsional é atravessado pela linguagem que, ao regular as condições de representabilidade na fantasia e no discurso do paciente, articula-se ao valor simbólico da castração

94

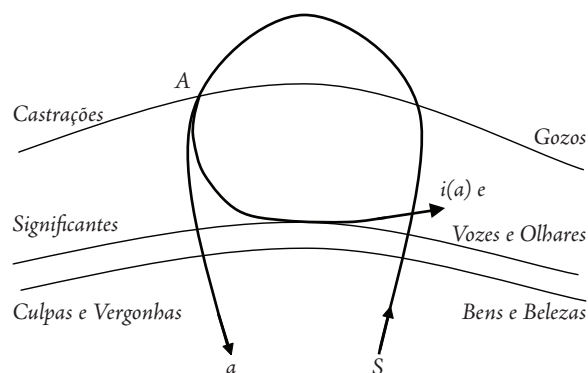
PERCURSO 43 : dezembro de 2009

tentarmos dizer qual é a verdade final sobre a felicidade e o prazer das mulheres e dos homens. Porém, se pudermos rumar por fora da ilusão e da prepotência da lógica infantil do “ser ou não ser castrado”, então, poderemos analisar e articular os diferentes aspectos éticos e estéticos que arranjam nossas vidas, nos implicando em nossas escolhas e em nossas fantasias atuais. Nessa perspectiva, a análise das fantasias mais poderosas do sujeito em relação aos outros deve favorecer as mudanças, ou, para usar as expressões de Birman, deve facilitar a “criação de condições de possibilidade” para a “constituição de um estilo para o sujeito”, e para implicação dele em seu “estilo de ser”¹².

Na análise da fantasia, do sintoma ou de qualquer forma de representação da vida amorosa, social e existencial do sujeito, a habilidade no desembaraço das culpas e das vergonhas propicia condições para a implicação do sujeito em suas formas de gozar, favorecendo com isso o esforço analítico de elaboração do *estilo de sofrimento* do paciente. O que muitas vezes dificulta esse trabalho é a rigidez dos ideais éticos e estéticos que determinam a vergonha, a culpa e tantos outros sentimentos congêneres do paciente e do analista. Esse emaranhado estético-moral da transferência pode ser mais bem

estudado quando atentamos para o modo pelo qual o sujeito deseja os objetos de sua vida configurando seu estilo singular, marcado pela repetição de suas formas de gozo na fantasia e na realidade.

Aqui gostaríamos de valer-nos de parte do grafo laciano do desejo e da fantasia para ilustrar a questão do gozo estético masoquista na relação sujeito/objeto¹³. O esquema, que muitas vezes parece bastante complexo, em uma versão simplificada nos ajudará a situar a *vergonha inconsciente na estrutura dos sujeitos*. Indicaremos seus elementos básicos e juntaremos a eles algumas observações.



O sujeito S , o Outro (*Autre*) A , o objeto a e o eu imaginário ou ideal do eu $i(a)$ compõem os eixos principais do circuito do desejo na criação da fantasia. Entre o sujeito e o objeto, o outro participa da formação dos ideais do eu e da fantasia movida pela pulsão e pelo desejo. Poderíamos dizer que os ideais do eu, $i(a)$, são objetos éticos e estéticos nos quais o sujeito se reconhece imaginariamente; ao considerá-los bons ou belos o sujeito identifica-se a eles e os deseja. O Outro, A , para além da condição imaginária do objeto percebido em sua singularidade, possibilita a representação simbólica da condição de alteridade dos demais sujeitos e do mundo, disponibilizando ideais para o eu, $i(A)$. Esse circuito pulsional é atravessado pela linguagem que, ao regular as condições de representabilidade na fantasia e no discurso do paciente, articula-se ao valor simbólico da castração, arranjando

as *formas de gozo* de cada um junto aos objetos mais ou menos imaginários e sempre substituíveis. Nesse ponto, o esquema completo de Lacan privilegia o corte da linguagem, implicando uma lógica (algorítmica) dos significantes, porém, para nosso trabalho agora, importa situar os *olhares* no gráfico da fantasia – que estrutura o sentido das representações do sujeito –, indicando o lugar das *vergonhas* junto às culpas no circuito do desejo, próximas às castrações que, em relação aos objetos (bens e *belezas*), qualificam o gozo do sujeito.

No esquema simplificado que desenhamos, em respeito às exigências de representabilidade e às possibilidades simbólicas do psiquismo, os olhares e as falas traçam o perfil das disposições *estéticas* e *éticas* que o sujeito irá representar para si. Essas disposições se articulam na relação entre o desejo e o objeto, entre um sujeito e os outros sujeitos, sendo todos barrados pela linguagem. Mas o que queremos frisar aqui é sobretudo o fato de o gozo no circuito do desejo implicar aquilo que o sujeito pode *mostrar e ver* (e falar e ouvir) e que, conforme se mostram e são vistos, os sujeitos usam a linguagem para significar o bonito, o feio, o bom ou o ruim para si e/ou para os outros.

Lembrar aqui a pulsão parcial ligada ao desejo de olhar (pulsão escópica) nos serve para enfatizar a dimensão visual e formal da experiência estética da fantasia que exhibe o desejo do sujeito. De tal modo que, na realidade ou na fantasia, o desejo de ver e ser visto regula-se por uma interdição escópica, bastando a suposição do olhar do outro para que a vergonha possa engendrar-se inconscientemente. Não obstante, o sujeito recalca, sublima, idealiza, erotiza e fantasia com maior ou menor intensidade e frequência, dependendo do conflito estabelecido no conjunto de seus circuitos pulsionais com seus diferentes objetos. Por meio dos olhares, das falas, das sensações, dos sonhos, das preferências

12 J. Birman, *Estilo e Modernidade em Psicanálise*, p. 12.

13 J. Lacan, "A subversão do sujeito e a dialética do desejo no inconsciente freudiano", *Escritos*, *op. cit.*, p. 822 e 831.

»
*o sujeito recalca, sublima, idealiza,
erotiza e fantasia com maior ou menor
intensidade e frequência, dependendo
do conflito estabelecido no conjunto
de seus circuitos pulsionais
com seus diferentes objetos*

etc. os sujeitos exibem seus estilos de ser frente ao outro e, sempre circulando nos registros éticos e estéticos, mostram-se nos gestos, nas escolhas, nas fantasias e nos silêncios mais ou menos articulados em algum tipo de equilíbrio ou arranjo mais ou menos singular de seus estilos.

A vergonha estética inconsciente

As possibilidades de o sujeito recriar seu estilo de ser, ou de decidir sobre suas formas de gozar junto aos outros e ao mundo, *A*, dependem do modo como ele vê e ouve seus familiares, seus amigos, professores etc. – que logo se constituem como ideais do sujeito *i(a)*. Também a maneira como se sente visto e ouvido está marcada pelas muitas reações e percepções frente às suas condições materiais de existência, e pela circunstância indizível do real nas coisas e nos corpos com os quais convive. As vergonhas e as culpas engendradas pelas experiências sensíveis adquirem sentidos conforme as características da relação do sujeito com os outros e com o mundo. Entre eu e o outro, outro cujos desejos e *olhares* influenciam meu modo de ser, configura-se o campo ético-estético do desejo, ou, em termos lacanianos, entre o desejo e o objeto



a função do belo não determina um ideal verdadeiro e universal, mas a condição sensível de todas as coisas e o modo de funcionamento da experiência estética na relação do sujeito com as coisas

96

PERCURSO 43 : dezembro de 2009

operam a *função do bem* e a *função do belo*¹⁴. O destino que damos a um *bem* feito ou oferecido para alguém, dada a ambiguidade semântica e econômica que se pode atribuir à ideia de bem e de bom, funciona como um operador ético. Ao mesmo tempo, a fulgurância da *beleza* no real da natureza – dos corpos, da pulsão, da mãe, ou do que se imagine sobre o em si das coisas – funciona como o operador estético.

A função do belo não determina um ideal verdadeiro e universal, mas a condição sensível de todas as coisas e o modo de funcionamento da experiência estética na relação do sujeito com as coisas. Recriado pelo sujeito que o vê e o usa, o objeto é contornado pelo desejo que visa a uma verdade possível e a enuncia como bela ou agradável, ou não. Assim, inspirado em precoces experiências singulares de beleza e de bondade, de feiura e de maldade, os sujeitos operam ideais capazes de inculcá-los de modo masoquista a vergonha e a culpa. No entrecortado de olhares e falas, o *fascínio* que o sujeito sente por si ao fazer-se de objeto do desejo do outro – e o encantamento na exposição servil do próprio corpo – firma o teor ficcional, estético e ético no qual funcionam os ideais narcísicos próprios às formas de representação de si, do outro e das coisas, bem como

à conformação de o estilo particular do sujeito ser, sonhar, falar etc.

A relação do sujeito com o objeto vê-se atravessada pelas *formas dos ideais éticos e estéticos* que estão no cerne da formação do Eu. As formas dos ideais em cada cultura impõem diferentes modelos e limites para as aparições e exortações narcísicas, de tal modo que variam muito as formas de inibição, timidez e modéstia que participam da formação do sujeito. Os modelos éticos e estéticos contemporâneos sugerem que todos os sujeitos devam sentir-se o máximo, como vencedores vistos por todos, causando sensações num espetáculo exibicionista no qual devem gozar com total liberdade¹⁵. Entretanto, a *interdição estética* do gozo continua a refletir a crítica social da família, da religião e da cultura na qual, de modo mais ou menos inconsciente o sujeito deseja, ama, ambiciona, ou não, culpabiliza-se, envergonha-se e censura-se junto aos outros. Enfim, o espectro dos objetos *a*, *i(a)*, *i(A)* e *A* que povoam a vida psíquica do paciente, e ao operar as funções do bem e do belo dão as coordenadas da construção das fantasias mais importantes na constituição do sujeito. Um irmão sempre descontente com os pais, quando adulto, diz: “sempre, sempre ganho menos”; pode-se ouvir uma executiva solteira dizer: “a vida toda pensei que eu fosse meio solitária”, um sujeito que reclama de detalhes de seu relacionamento gosta de dizer; “sou completamente dependente dessas coisas...”, ou um adolescente em conflito com sua virgindade diz: “até parece que qualquer um pode fazer tudo melhor que eu”; todas são falas nas quais ecoa a castração, dirigindo-se a alguém maior do que o sujeito, a quem ele sucumbe imaginariamente em algum gozo trágico, funesto ou simplesmente fabuloso conforme seu estilo pessoal.

Discursos desse tipo, um tanto abrangentes e sombrios, ou qualquer fala ligada a um sentido agourento da fantasia do sujeito, com ares de predestinação, precisam ser analisados. Pode-se analisar a relação do sujeito consigo, com os objetos e os outros, e, via de regra, o que é bom

ou bonito, ruim ou feio para ele nos revelará traços de prazeres familiares, e/ou estranhos, que de modo mais ou menos masoquista fadamo-nos a seus sintomas. É comum que o sujeito se perca ao falar repetidamente de assuntos tão pouco construtivos ou interessantes para ele mesmo, mas aos quais ele está fortemente identificado. São suas antigas formas de gozo junto aos outros, formas que desde suas primeiras impressões parentais desenham o estilo do sujeito, são como fragmentos de história repetindo-se e prendendo o sujeito a suas ciladas autodestrutivas.

Uma jovem enfermeira com dificuldades alimentares e com inúmeras restrições em sua vida social, falando muito durante a análise, por mais de uma vez exclama: “sempre fui meio nojentinha, quero dizer, meio fresquinha mesmo, qual é o problema?”. Terminara a faculdade e decidira-se a não trabalhar com enfermagem, vivia incontáveis constrangimentos sociais e afastara-se de suas amigas. Não mantinha qualquer relacionamento amoroso embora o desejasse e, invariavelmente, experimentava ascos por comidas que não fossem de sua casa.

A repulsa alimentar e social refletia as dificuldades de a paciente estabelecer-se como adulta em sua casa e fora dela, visto que os conflitos entre seus pais permaneciam os mesmos desde o início de sua adolescência; parecia quase impossível para ela ver qualquer beleza ou encantamento fora do circuito do amor e ódio parentais. A ambivalência gerada pelo conflito familiar levou-a a sobrepor a repulsa aos objetos de desejo, desde a, comidas, homens e amigas, que adquiriam sentido e valor enquanto Outros, A, e que por meio de Ideais retorcidos, $i(A)$, impingiu a si mesma um estilo marcado pela repetição do gozo nas frescuras, no asco e na timidez. Neste ponto importa sublinhar que o orgulho e o fascínio por seu próprio estilo de ser, “meio fresquinha”, insuflado por suas fanta-

»
o reinvestimento inconsciente nas figuras do bom pai protetor em conflito com a boa mãe nutriz reativava sentimentos antigos difíceis de nomear, mas que lhe causavam vergonhas inadmissíveis

sias em relação ao olhar dos outros, articulava-se aos sintomas de constrangimento e retração social, disfarçando a *vergonha* que ela *inconscientemente* sentia por suas escolhas familiares, amorosas e profissionais. Em seu orgulho asséptico, seus embaraços junto aos outros não lhe permitiam operar com maior liberdade a função do belo, pois o bordejar de seus desejos sobre os objetos não lhe permitia fruir do brilho das baladas sociais, das comidas mais elaboradas, ou de qualquer encantamento que não fosse com sua própria intimidade envergonhada.

O reinvestimento inconsciente nas figuras do bom pai protetor em conflito com a boa mãe nutriz reativava sentimentos antigos difíceis de nomear, mas que lhe causavam vergonhas inadmissíveis, exceto sob a forma repetitiva do desgosto e do nojo que se manifestavam como sintomas aparentemente vinculados apenas a seus conflitos atuais. Entretanto, a paciente seguiu confiante analisando a confusão emocional de suas fantasias, onde se misturavam o nojo e o orgulho, a vergonha e a vaidade, a indignação e o desprezo, o medo e a raiva... E, depois de investirmos por um ano e meio seus diferentes receios e constrangimentos familiares um tanto repetidos desde a puberdade, conhecendo melhor suas autocensuras a paciente tornou mais

14 J. Lacan, “A função do Belo”, p. 998.

15 G. Debord, *A sociedade do espetáculo*. Com respeito ao exibicionismo e ao sensacionalismo contemporâneos, os quais refletem a liberdade do gozo nos ideais éticos e estéticos na cultura de hoje.

relativas suas convicções repulsivas e suas opiniões desabonadoras sobre suas possibilidades sociais. Adiante ela retomou várias amizades, fez-se mais magra e vaidosa, arriscou-se em um namoro e, agora, apenas esporadicamente procura a análise.

É surpreendente a dificuldade do homem em saber como ele se destrói. Contudo, a análise dos elementos repetidos na história pessoal do sujeito, uma vez que leve em conta os aspectos repetitivos do gozo em suas fantasias, pode favorecer as condições para ele perguntar-se sobre como reajustar a intensidade, o ritmo e a forma de lidar

com os impasses de seus prazeres. Nossas piores fantasias alimentam-se da exigência sensacional de um brilho narcísico cuja marca geral de estilo supõe um gozo feliz e vistoso, mas que tem como correspondente negativo, quase sempre inconsciente, o escândalo do vexame, o anúncio da falência e o adoecimento do sujeito da fantasia. Em síntese, ao trabalharmos o já acostumado estilo do paciente ao gozar – na estrutura própria a seu masoquismo estético ancorado nos sentimentos inconscientes de vergonha e de culpa – buscamos alguma mudança na posição do sujeito e na sustentação de seu estilo de ser.

Referências bibliográficas

- Birman J. (1997). *Estilo e modernidade em psicanálise*. São Paulo: Ed 34.
- _____. (1999). *Mal-estar na atualidade*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.
- Darwin C. (2000). *A expressão das emoções nos homens e nos animais*. São Paulo: Companhia das Letras.
- Debord G. (1997). *A sociedade do espetáculo*. Rio de Janeiro: Contraponto.
- Eiger A. (1995). *O parentesco fantasmático*. São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Fonseca F. L. (2000). A censura estética no sonho de Maria. *Percurso*, n. 25, São Paulo, p. 59-67.
- _____. (2004). *Reflexões ético-estéticas do masoquismo: os estilos no gozo e a vergonha inconsciente*. Tese de Doutorado. São Paulo, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.
- Freud S. (1981-1919). *El problema economico del masoquismo*. Obras Completas. Madri: Biblio. Nueva, Tomo III.
- Lacan J. (1962-1998). Kant com Sade, In *Escritos*. Rio de Janeiro: Zahar.
- _____. (1998). A subversão do sujeito e a dialética do desejo no inconsciente freudiano. In: *Escritos*. Rio de Janeiro: Zahar.
- _____. (1991). A função do Belo. In: *O Seminário, A Ética da psicanálise*. Rio de Janeiro: Zahar.
- Rosenberg B. (1991). *Masochisme mortifère et masochisme gardien de la vie*. Paris: Press Universitaires de France.
- Reik T. (1948-1949). *El masoquismo en el hombre moderno*. Buenos Aires: Editorial Nova.
- Sartre J-P. (1997). *O ser e o nada, ensaio de ontologia fenomenológica*. Petrópolis: Vozes.

Aesthetic masochism in subjects: the unconscious shame

Abstract Shame and guilt are discussed in this paper, insofar as they are related to the aesthetic and ethic ideals that link masochism to some unconscious fantasies. The unconscious feeling of shame, analogous to its more known counterpart on the side of guilt, produces aesthetic *jouissance*, which is related to the concepts of “good” and of “beautiful”. A clinical fragment illustrates the role of shame in the relationship between the subject and others.

Key words masochism; shame; Aesthetics; *jouissance*; fantasy.

Texto recebido: 8/2009

Aprovado: 10/2009